

AGROEXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA (1889-1930)

1) A Cafeicultura

1.1. O problema da superprodução e a política de valorização do café

** A cafeicultura poderia estar em crise do Rio de Janeiro, mas em São Paulo a área plantada expandia-se, apesar do acordado no Convênio de Taubaté, que previa a taxação dos fazendeiros que ampliassem a área plantada.*

** A primeira valorização do café, como sabemos, foi feita em 1906, durante o governo Afonso Pena (1906-1911) em função do Convênio de Taubaté. Com a retirada de Minas Gerais e Rio de Janeiro do acordo, São Paulo arca com a primeira valorização.*

1.2. A Primeira Guerra Mundial e a segunda valorização do café (1917)

** Na medida em que o conflito mundial desestruturou o mercado internacional, tornou-se difícil o escoamento do café. O esforço de guerra exigiu que os governos europeus emitissem moeda sem lastro-ouro, o que pôs fim ao padrão-ouro, que estabelecia a paridade entre as moedas perante a libra. Tal fato dificulta o estabelecimento de preços internacionais. O mercado internacional sofre com isso grande retração, e o café acompanha a tendência.*

** De modo a evitar mais perdas para os cafeicultores, procede-se à segunda valorização do café, em 1917, durante o governo Venceslau Brás (1914-1918).*

1.3. A crise de demanda em 1921 e a “valorização permanente” do café

** Entre o período de 1921 a 1924, em função relativa retração do consumo de café em relação ao montante produzido, promove-se a terceira valorização do produto.*

** Contudo, desta vez os cafeicultores pressionam o governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) para que transforme a política de valorização em mecanismo permanente, e não meramente episódico, ativado somente em caso de crise.*

** Argumentando que o café “é o Brasil”, o governo paulista requer que o Governo Federal pague a conta das valorizações, agora permanentes.*

1.4. Mercado garantido para o café estimula expansão da produção

** Com rentabilidade garantida, dado o fato de o Governo Federal garantir a compra do café encalhado, os cafeicultores expandem a produção. Não estão preocupados com a situação do mercado mundial, na medida em que, em última instância, o governo garante a demanda.*

** Contudo, a capacidade de estocagem era limitada, bem como o financiamento externo para mantê-la.*

** Com a Crise de 1929 cessam os fluxos de capitais para o Brasil, bem como retrai-se além da habitual inelasticidade a demanda por café. Com isso, torna-se impossível a continuação da política de valorização, e o prejuízo recai sobre os cafeicultores.*

2) Industrialização

2.1. O complexo cafeeiro

** Indústria ganha vulto entre 1886 e 1894, concentrada no Distrito Federal (RJ) e São Paulo.*

** Nesta primeira etapa, a indústria faz parte do chamado “complexo cafeeiro”. Trata-se do conjunto de atividades econômicas agregadas à cafeicultura, e que a servem. Ferrovias, armazenagem, indústria de sacaria, indústria de ensacamento e torrefação, todas são atividades subsidiárias da cafeicultura.*

** Assim, neste momento, se o café prospera no mercado internacional, também prospera a indústria, vista que é caudatária do desempenho cafeeiro.*

** Além disso, apesar do governo federal indispor de uma política clara de apoio à indústria, as flutuações do câmbio e das tarifas de importação criavam em alguns momentos um contexto parcialmente protecionista, que auxiliava a indústria nacional.*

2.2. A Primeira Guerra Mundial e a indústria de bens de consumo

** Havia pressão de demanda por parte das massas de assalariados urbanos que emergem com a Abolição da Escravidão, e ao mesmo tempo, a estrutura industrial brasileira não está pronta para atender esta mesma demanda.*

** Contudo, até o momento, esta pressão não era suficiente para desviar a massa de investimentos na indústria do complexo cafeeiro para os bens de consumo não-duráveis. Assim, esta demanda por consumo era atendida por importações.*

** Com a Primeira Guerra Mundial e a desestruturação do mercado internacional, tornou-se complicada a manutenção de transações comerciais internacionais.*

** Além disso, a conversão da indústria civil européia para o esforço de guerra fez diminuir a oferta de bens manufaturados para o mercado brasileiro. Isto deixa espaço livre para que as indústrias nacionais ganhem terreno no mercado interno.*

** Contudo, o surto industrial somente avança até 1917. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra e a conversão de sua indústria para o esforço bélico, perde-se um importante fornecedor de máquinas e equipamentos, importados justamente para expandir a indústria nacional. Sem a importação de maquinário, a indústria brasileira não pode mais se expandir, e o surto industrial cessa.*